

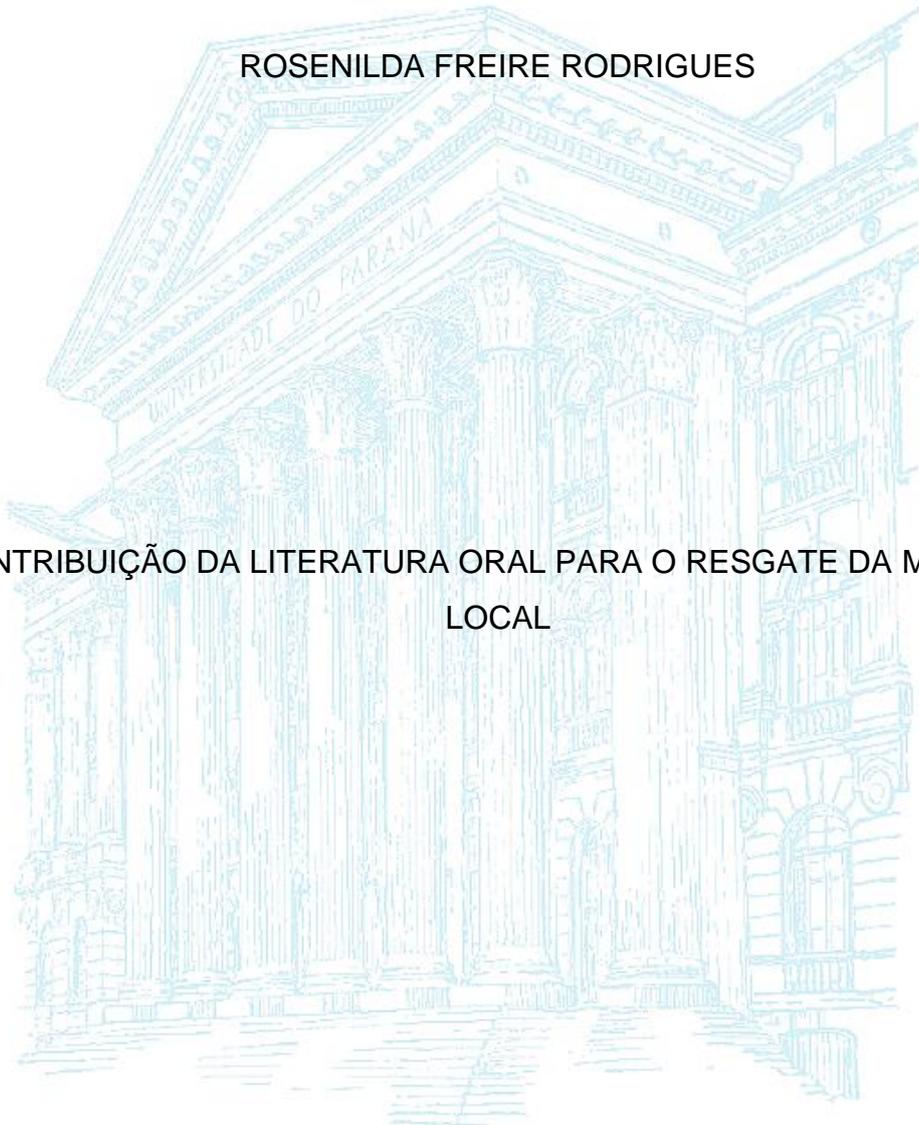
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

SETOR LITORAL

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO E PROCESSOS EM EDUCAÇÃO
DIVERSIDADE E INCLUSÃO

ROSENILDA FREIRE RODRIGUES

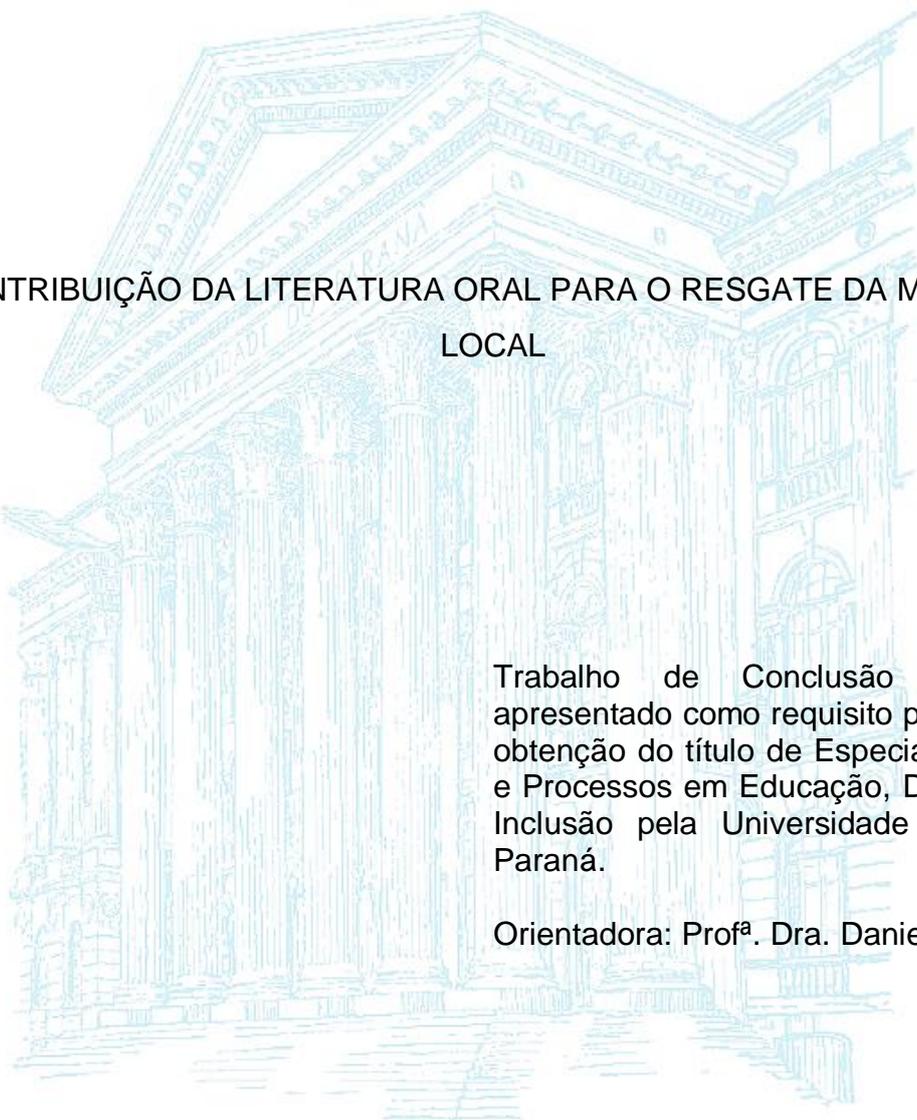
CONTRIBUIÇÃO DA LITERATURA ORAL PARA O RESGATE DA MEMÓRIA
LOCAL



MATINHOS

2015

ROSENILDA FREIRE RODRIGUES



CONTRIBUIÇÃO DA LITERATURA ORAL PARA O RESGATE DA MEMÓRIA
LOCAL

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para a
obtenção do título de Especialista Gestão
e Processos em Educação, Diversidade e
Inclusão pela Universidade Federal do
Paraná.

Orientadora: Prof^a. Dra. Danielle Marafon

MATINHOS

2015

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO E PROCESSOS EM EDUCAÇÃO, DIVERSIDADE E INCLUSÃO.

Aos treze dias do mês de junho do ano de 2015 (dois mil e quinze), reuniram-se na sala temática 26A - Educação Infantil os membros da banca

examinadora: Danielle Maranhon (orientador),
Guisele de Moraes e
Maluício Cesar Vieira Sagundes para avaliação do
Trabalho de Conclusão de Curso do (a) cursista: Rosemilda
Freire Rodrigues

_____, sob o título:
Contribuição da leitura oral para
o resgate da memória local

Após a avaliação deliberou-se que o (a) referido (a) cursista foi aprovado (a) como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Gestão e Processos em Educação, Diversidade e Inclusão, tendo obtido conceito APL

Nada mais havendo a tratar, eu Danielle Maranhon

(orientador) lavrei a presente ata, a qual será assinada pelos membros da banca.

Danielle Maranhon
Orientador

[Assinatura]
Avaliador 1

[Assinatura]
Avaliador 2

Rosemilda F. Rodrigues
Cursista

CONTRIBUIÇÃO DA LITERATURA ORAL PARA O RESGATE DA MEMÓRIA LOCAL

RODRIGUES, Rosenilda Freire- Acadêmica da UFPR-Setor Litoral

RESUMO

Este estudo é um relato das sínteses das aprendizagens experimentadas e coletivamente construídas com extensionistas do curso GPEDI- Gestão e Processos de Educação, Diversidade e Inclusão da UFPR- Setor Litoral do município de Antonina, no período de março a dezembro de 2014, no módulo de Educação Infantil. O objetivo deste é relatar a importância da linguagem oral no processo de socialização da memória a qual permitiu resgatar causos, contos populares da localidade, narrativas estas que atuam como estímulo da identidade cultural. Por meio da memória valores e tradições podem ser transmitidos e a linguagem oral é o instrumento utilizado pelos homens em diferentes épocas e contextos para expressar essa realidade, assim sendo a metodologia se deu por meio da sensibilização e mobilização dos extensionistas por meio de fontes diversas (um vizinho, pessoa idosa, contadores de histórias), alguns causos, remédios caseiros e contos vivenciados no município para serem compartilhados com todo o grupo. As conclusões chegadas até então, indicam que os contos populares, os medicamentos caseiros e causos se constituem relevante instrumento de acesso à cultura popular, tão importante e rica, que sofre preconceito daqueles q mantem a cultura dominante, deste modo à literatura oral difunde ideias, o imaginário, as tradições entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Contos populares, linguagem oral, resgate histórico, identidade popular.

1. INTRODUÇÃO:

Este artigo resulta da interação Universidade- Comunidade na qual professores participaram de um processo de seleção para o Curso Gestão e Processos em Educação, Diversidade e Inclusão para realizarem a multiplicação dessa formação, ministrando um curso de 160 horas. O curso de especialização ofertado estruturou-se da seguinte maneira: primeiro semestre (março a julho) aulas presenciais na UFPR-Setor Litoral divididas em quatro módulos: Metodologias Inovadoras, Educação de Campo, Diversidade e Inclusão e Educação Infantil. No segundo semestre (agosto a dezembro) houve divisão de grupos para multiplicarem

os módulos nos municípios do litoral paranaense e Vale do Ribeira, tendo como objetivo 'ampliar o acesso à formação continuada para profissionais com atuação na gestão da educação que envolvam processos em educação para diversidade e inclusão, visando contribuir para a oferta de uma educação contextualizada às realidades regionais, de boa qualidade e em conformidade com as Diretrizes Nacionais da Educação. A partir dessa divisão, esta multiplicadora ficou com o módulo da Educação Infantil na qual uma das propostas foi trabalhar a literatura oral, cujo objetivo é o resgate de contos populares, plantas medicinais e causos do município de Antonina, onde os multiplicadores e a comunidade são reconhecidos como agentes multiplicadores do mesmo. Assim, o resultado aqui apresentado é a coletânea de desses elementos resgatados pelos gpedianos, assim chamados os extensionistas, no município de Antonina-PR, que atuaram juntamente com população local nos meses de agosto a dezembro de 2014, no módulo de Educação Infantil.

Por meio do Curso de Gestão em Processos em Educação, Diversidade e Inclusão-GPEDI foi possível fazer esse breve resgate com o apoio dos extensionistas, o qual serão registradas logo a seguir como fonte de leitura.

Faremos então um recorte da cultura local enraizado pelo universo de uma cidade histórica e uma das mais antigas do Paraná, sendo assim, tem muita história para contar. Antonina foi marco econômico da emancipação paranaense e conserva alguns monumentos. As ruínas do casarão localizado no centro histórico são um exemplo, o mesmo era um antigo depósito de erva-mate que marcam o ciclo da economia antoninense, lembranças que junto ao casario compõe o cenário do século XIX. A cidade conserva o passado que se mistura com o presente, com mais de 300 anos conta sua história de casa em casa através de um valioso patrimônio arquitetônico. Possui boa estrutura de hotéis, pousadas e restaurantes. Proporciona turismo histórico, passeios ecológicos por entre os encantos da serra do mar, a calma de suas águas com uma baía que encanta a todos e é um viveiro natural de diversas espécies marítimas, os casarios antigos com suas cores vibrantes e a beleza do litoral paranaense. Uma cidade que em intensificou suas atividades tornando-se em 1920 o 4º porto exportador brasileiro.

Resumindo, Antonina localiza-se numa região privilegiada, entre a serra e o mar e oferece lazer, cultura e gastronomia.

Nossa proposta tem interesse na literatura oral e é um estímulo para recuperação da memória de um povo. É importante que conheçamos a história para que possamos construí-la e interferir nas transformações desejadas pela comunidade local.

1. Ministério da Educação - MEC Universidade Federal do Paraná - UFPR
Coordenadoria de Integração de Políticas de Educação a Distância Setor Litoral.

2. A LITERATURA ORAL

Para abordar esse assunto lembraremos-nos do pesquisador erudito-popular Luís da Câmara Cascudo que em seu livro *Literatura Oral no Brasil* escrito entre 1945 e 1949 e publicado em 1952, registra, analisa e compara a presença de tradições em vários povos, sempre migrando, "ondulantes na imaginação coletiva", a contribuição de portugueses, negros e indígenas. Segundo ele toda literatura folclórica é popular, mas nem toda literatura popular é folclórica, a diferença se dá pelo processo de descaracterização. Na literatura folclórica quatro fatores são necessários como: oralidade, anonimato, persistência e antiguidade, ou seja, a literatura folclórica é uma produção de origem popular cuja fixação no tempo é improvável e as tonalidades da época de sua criação foram perdidas.

Para o autor existem duas vertentes literárias que são distintas, porém anda lado a lado. A primeira vertente é a literatura oficial que se dá pela expressão de uma ação refletida e puramente intelectual a outra é a literatura oral que segue a espontaneidade do povo, de suas crenças, tradições. Sendo esta considerada pelo autor como original e nova.

A literatura oral é como se não existisse. Ao lado daquele mundo de Clássicos, românticos, naturalistas, independentes, digladiando-se, cientes da atenção fixa do auditório, outra literatura, sem nome em sua antiguidade, viva e sonora alimentada pelas fontes perpétuas da imaginação, colaboradora da criação primitiva, com seus gêneros, espécies, finalidades, vibração e movimento, continua, rumorosa e eterna, ignorada e teimosa, como rio na solidão, e cachoeira no meio do mato. (CASCUDO, 1984, p.27).

Percebemos então que a literatura oral está diretamente ligada ao povo e expressa sua cultura. A oralidade reflete o conhecimento de um povo, seja ele

letrado ou não, pois reflete a experiência de vida, memórias e outros aspectos de relevância.

O conto popular possui uma riqueza expressiva e imagética e tende a ser universal, isto é, possui simbolismo e uma estrutura narrativa que é facilmente reconhecida e admirada pela maioria das pessoas, sejam adultas ou crianças, pessoas alfabetizadas ou não alfabetizadas, gente instruída ou pessoas sem acesso à cultura formal, isto é, a escola.

Diante dessa temática foi sugerido ao grupo que pesquisassem junto a familiares e moradores mais antigos, algumas histórias ocorridas na cidade. O grupo foi bem participativo e trouxe diversas histórias que foram compartilhadas e discutidas.

Cito então para ilustrar as memórias de um povo o caso trazido por uma das extensionistas em um de nossos encontros no módulo de Educação Infantil.

Na década de 60 o fluxo de veículos em Antonina era pequeno e o transporte de mercadorias era feito por carroças e charretes. Alguns carroceiros ficaram muito conhecidos como Júlio Dinarte, Eliseu Brites, Izael Brites e Mirto Toco. É este último o protagonista desta estória.

Mirto Toco, fazia frete, principalmente para o seu Honório Machado da Casa Brasileira. Conta-se que certa vez enquanto descarregava uma carga de lenha ao lado do armazém, foi interrompido por Izael Brites que estava interessado em comprar seu cavalo, visto que, este utilizava apenas a égua companheira de muitos anos.

Depois de ver o animal e de muitos elogios ao seu desempenho, força, tração e beleza, acertaram a venda. No fim da tarde, o velho Brites trouxe o valor combinado e levou o cavalo.

No dia seguinte, o senhor Izael, passou várias vezes na Avenida Thiago Peixoto exibindo o animal, porém ao final da tarde, parou bruscamente defronte à Casa Brasileira e saiu berrando:

“Mirto, você me enganou, o cavalo é forte, bonito, mas está faltando um dente” ao que Mirto respondeu sem pestanejar:

“Ué, você quer cavalo pra puxar ou pra assobiar?” (“Causo” trazido pela extensionista Jane Lúcia Oliveira Fonseca, 2014).

A partir desse caso foram realizadas algumas discussões com o grupo na qual foi levantado alguns comentários dentre os quais destacamos: *“na década de 60 o transporte de mercadorias no município de Antonina era feito por carroças e charretes e algumas figuras populares residiam na mesma nessa época, como esses carroceiros. Essa estória tem um “que” de comédia porque se trata da cobiça de um dos carroceiros sobre a égua e companheira do outro carroceiro, que após receber vários elogios sobre a sua égua concordou em vendê-la. O Izael ficou de momento muito satisfeito com a compra que havia realizado e exibiu o feito pela*

cidade, porém ao final da tarde percebeu algo de errado com a égua, estava faltando-lhe um dente e achando-se enganado pelo amigo foi queixar-se para o mesmo que riu e no final ainda fez a pergunta engraçada”.

O que aconteceu depois não se sabe, fica então no nosso imaginário, o desfecho dessa estória.

Uma das extensionistas fez o seguinte comentário: *“lembro-me de quando era criança, íamos sempre passear na praça do coreto”.*

Outra extensionista completou: *“e eu ia à praça namorar na minha adolescência, lembrei-me do meu primeiro namoradinho”.*

No momento em que as histórias foram contadas algumas pessoas sentiram nostalgia e lembraram-se de alguns fatos que marcaram sua vida.

2.1 LINGUAGEM E MEMÓRIA

Com relação à linguagem oral um aspecto pode ser relacionado à mesma como a memória. É por meio da memória que os seres humanos recuperam suas experiências podendo ser ela, “individual ou coletiva” e socializam-nas através de signos verbais.

De acordo com Chauí (1994), a memória representa a capacidade humana de reter e guardar o tempo que se foi salvando-o, assim, da perda total. Por meio da memória, o homem-presente comunica-se com o homem passado, estabelecendo um intercâmbio de experiências entre os tempos. Assim, a Literatura Oral pode ser vista com uma narrativa mantida pela tradição, sendo transmitida de geração em geração.

A oralidade está presente nas nossas vidas, provocando e permitindo leituras de mundo diversificadas.

Na perspectiva de se trabalhar a importância da memória, contamos com a presença de uma educadora e figura ilustre de nossa cidade que abordou a importância do convívio entre diferentes gerações no resgate desse momento de troca de experiências que atualmente, encontra-se em falta em nossa sociedade.

Ela juntamente com os extensionistas discutiu sobre algumas diferenças sobre a infância de ontem e a infância de hoje. Antigamente as crianças tinham mais contato com os mais velhos e sentavam-se em volta destes para ter um momento de

ouvir histórias e de interagirem. As crianças prestavam atenção e se encantavam até mesmos com histórias criadas de improviso. Hoje os contatos são cada vez mais escassos e a tecnologia tem um pouco haver com essa mudança. Então ficam alguns questionamentos: “Será que nossas crianças estão perdendo a infância? As crianças de hoje não são como as crianças do passado? Nossas crianças ainda gostam de ouvir histórias?”

De acordo com Nardowski,

Atualmente a infância passa por uma perda de identidade através de dois polos. Um é o pólo da infância da realidade virtual: trata-se das crianças que realizam sua infância com a internet, os computadores, a diversidade de canais de TV a cabo, os videogames. Muitas crianças diante dessas situações são consideradas “pequenos monstros” por pais e seus professores por não demonstrarem atitudes e comportamentos que até então vinham sendo aceitos pela sociedade. Outro pólo é representado pelo fato da infância ser independente, autônoma, ou seja, de muitas crianças se submeterem ao trabalho muito cedo, e viverem sob o descaso da própria sociedade, em contato com drogas e com a prostituição. Esta é a infância real.

Segundo relato dos extensionistas: “a presença da tecnologia é um fato. Por um lado isso traz uma capacidade de interação muito grande, porém também traz uma sobrecarga de informação que não pode ser processada. Existe uma ruptura das relações sociais. Outro grupo de crianças tem acesso limitado às tecnologias, perdem sua infância por outras maneiras, o trabalho precoce, as drogas e a prostituição”.

Outro comentário a respeito da infância na atualidade: “*desde muito pequena a criança atual recebe enxurradas de informações devido ao fácil acesso à tecnologia em geral. O que se vê, é uma infância que não dá a real importância às brincadeiras, as leituras. Isto é uma temeridade, pois as brincadeiras tradicionais (bola, caracol, corda, pião, bolinha de gude, etc.) e as histórias ou contos são fundamentais para o desenvolvimento das linguagens oral e corporal, para estimular a fantasia e para a socialização do indivíduo. Por outro lado, acredito ser importante ressaltar que as novas tecnologias também podem afetar positivamente a criança. Cabe à família equilibrar a rotina dos filhos entre as telinhas e as demais atividades como esportes, leitura e tempo de brincar. “Em resumo, a estrutura familiar é crucial”.*

Fazendo a leitura dessas duas análises vemos que a influência do meio é incorporada pela criança, ambos concordam que elas recebem muitas informações

das quais não estão preparadas para receber. O segundo relato tece ainda comentário sobre a falta das brincadeiras e histórias do imaginário infantil que prejudicam o desenvolvimento da oralidade e da socialização da criança. Se por um lado há crianças perdendo a infância por terem fácil acesso às tecnologias, por outro a falta das mesmas as levam para o mundo da marginalização, ou seja, ficam à mercê da própria sorte.

Uma extensionista fez outra leitura citando: *“as mudanças sociais vem ocorrendo a cada ano e com a infância não podia ser diferente, se transformando em produto de consumo, crianças com necessidades próprias. Estão vendo o mundo como ele é hoje, influenciadas pelas tecnologias presentes em todos os lugares. Hoje os pais preferem que seu filho fique brincando de videogame, tabletes, computadores, etc., do que deixá-los na rua, porque é muito perigoso. Também há falta de tempo dos pais com os filhos, pois muitos trabalham o dia inteiro e chegam em casa sem vontade nenhuma de brincar, de contar histórias, de interagir. Assim os filhos acabam sendo vítimas da tecnologia por falta de convívio com outras crianças e a da atenção dos pais”*.

Poderíamos citar muitos outros comentários, pois o assunto foi muito discutido e polêmico.

Relatando ainda sobre a importância da oralidade trabalhamos o resgate do uso das plantas medicinais muito utilizadas na cultura popular. Por meio deste foi pedido aos extensionistas que realizassem uma pesquisa com avós, pais, vizinhos, sobre plantas e ervas cultivadas em casa para o alívio de doenças e males. A partir disso os grupos foram divididos em equipes e produziram um livro ilustrado com folhas, caules, flores de plantas e escreveram as indicações e o modo de fazer este remédio. O objetivo deste trabalho era a interação entre os extensionistas e a comunidade local, muitas das vezes não letrada, através da oralidade e do convívio mais próximo com os mesmos, deste modo fazendo um elo universidade-comunidade. O resultado dessa interação, podemos ver a seguir com as seguintes informações coletadas: “quebra-pedra: indicada para infecções urinárias. Modo de fazer: chás/infusão”; “capim limão: indicada como chá calmante. Modo de fazer: chá”; “catinga de mulata: indicada para reumatismo. Modo de fazer: colocar no álcool e passar sobre a dor”; “boldo: indicado pra males hepáticos, fígado. Modo de fazer: colocar na água gelada ou infusão”...

Podemos citar as lembranças de uma extensionista: *“quando criança eu ia à casa da vizinha buscar remédio para minha mãe. Minha vizinha tinha de tudo que se possa imaginar no quintal, tinha hortelã, tanchagem, capim-limão, penicilina, arruda entre outras. Era uma verdadeira farmácia”*.

Outra extensionista comentou: *“lembro quando ia à casa de minha avó, ela gostava de ter plantas no quintal, era uma forma de não precisar comprar remédio na farmácia”*.

O interessante é que essas lembranças vieram à tona na memória das extensionistas de quando eram crianças e permanecessem presentes na fase adulta, marcas que o tempo não apaga.

Nos grupos os integrantes recordaram as texturas e cheiros das plantas, algumas se remeteram a infância e até viraram crianças. Houve até discussão nos grupos como a de uma extensionista: *“isso aqui não é pata de vaca, pata de vaca é menor, essa folha é diferente da que conheço”*.

Uma das extensionistas comentou: *“professora, eu sou educadora num CMEI em Paranaguá e eu já trabalhei com plantas medicinais com as crianças pequenininhas e elas adoraram. Elas manusearam as folhas para sentir as formas, vincos, cheiros e cores. Até usamos giz de cera para passarem sobre o sulfite e a folha da planta embaixo de modo a ficarem como um carimbo. O mais legal foi que os pais se envolveram nessa atividade ajudando os filhos na coleta das plantas. Foi bem interessante!”*.

Falando sobre oralidade e cultura vejamos o que diz a Constituição Federal de 1988.

A Constituição Federal com o intuito de garantir o direito à cultura diz o seguinte:

Art. 215. O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais.

§ 1.º O Estado protegerá as manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras, e das de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional.

Nesse sentido cabe às gerações garantir que as manifestações culturais se propaguem através da oralidade, neste caso, o uso dos remédios caseiros feito com plantas medicinais cultivadas em casa.

Antonio Torres Montenegro comenta: “A capacidade de narrar uma história, um fato, uma experiência ou mesmo um sentimento está associada a dois fatores: por um lado, à descrição dos detalhes dos elementos que são projetados, de forma tão viva e rica que se assemelham a um quadro que vai sendo redesenhado às nossas vistas: por outro lado, à capacidade de recuperar o lado imaginário do que era vivenciado individual e coletivamente em relação ao acontecimento narrado. Na associação dessas duas ordens de fatores (a descritiva e a imaginária) descobrem-se as condições básicas de um narrador”.

Com este trabalho os extensionistas puderam compartilhar com o grupo o resultado de sua pesquisa, sendo que algumas plantas eram desconhecidas por alguns integrantes das equipes e por nós multiplicadores. Foi um momento bastante produtivo e de troca de informações, comprovando que o resgate através da oralidade é muito importante e deste modo deve ser trabalhado com nossas crianças.

Ainda trabalhando sobre a memória pedimos aos extensionistas que se lembrassem de alguma história contada por alguém da família. Nesse momento foram ativadas lembranças dos tempos de criança. Quais as pessoas com quem conviviam, familiares, amigos, vizinhos e outras pessoas próximas. Os relatos foram bem interessantes e as narrativas individuais foram socializadas com o grupo, como a história contada por uma das extensionistas que veremos a seguir:

Todas às vezes que eu ia à casa dos meus avós maternos, meu avô sempre contava umas historinhas que aconteceram com ele. Ele morava no sítio, lá no Mergulhão, aqui em Antonina.

Uma vez ele contou que quando estava sentadinho à beira da fogueira à noite tocando seu violão e também fumando seu palheiro, se deparou de repente com um menino sentado no outro lado da fogueira. Era o saci-pererê. Ele sempre fazia uma visitinha no sítio dos meus avós.

E todas as manhãs quando eu, meu irmão e meus primos íamos andar a cavalo, meu avô sempre dava banho e deixava para nós pentearmos os pêlos do “comanche”, e todas às vezes nós tínhamos que desembaraçar o rabo dele porque o danadinho do saci sempre dava nos e embarçava o rabo do “comanche”.

Assim como esta narrativa citada tivemos outras histórias que foram lembradas, histórias marcantes, recordações tristes, histórias intrigantes, histórias horripilantes, histórias engraçadas. A cada história contada, reações diferentes foram despertadas.

Quando falamos de memória devemos levar em conta que ela constrói uma linha reta com o passado, alimentando-se de lembranças vagas, contraditórias, sem nenhuma crítica às fontes que – em tese – embasariam esta mesma memória. Ela é ainda “um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente” (NORA, 1993, p. 9).

Neste sentido, vemos que a memória é positiva, visto que, quando uma história é relembra traz consigo um passado rico. A memória é explicada pelo presente, e é no presente que ela torna-se lembrada.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Compreendemos que as tradições culturais são mantidas na memória de um povo e nos remetem há outros tempos, a outras épocas e contextos históricos. Através da literatura oral identificamos a cultura local e construímos nossa identidade cultural.

É, portanto, no processo de criação da Literatura Oral que valores e tradições são propagados nas perspectivas socioculturais de determinado povo. E é através da memória que a identidade cultural é construída numa relação existente entre o passado e o presente.

Deste modo, este trabalho fez com que os extensionistas repensassem a importância da oralidade no nosso cotidiano e nas relações pessoais. Através de atividades propostas tiveram contato com pessoas que não conheciam e que por vez também não sabiam que tinham conhecimento sobre determinados assuntos tratados no módulo. Esse contato direto foi fundamental para estreitar laços afetivos bem como proporcionou o reconhecimento da cultura popular por meio de algumas pessoas que não tinham contato com o ato de ler e escrever, porém tinham um conhecimento oral muito grande, conhecimento este, que foi passado de geração para geração por meio da oralidade, ou seja, sem registro escrito, mas que ficou em sua memória e foi repassado para os entrevistados.

Em suma, a contribuição da literatura oral para o resgate da memória local é relevante visto que as narrativas potencializam aprendizagens e socialização de vivências sejam elas individuais ou do coletivo que por meio da memória expressam sua identidade.

Antonina assim como outras cidades do Estado do Paraná tem sua formação cultural oriunda de povos de diversas origens: escravos, índios, religiosos, imigrantes, enfim uma verdadeira diversidade. Cada povo trazendo na sua bagagem crenças e disso tudo surgem boas histórias para contar. Essas histórias são propagadas através do tempo, e cada geração toma-as para si e lhe dá significados diferentes de acordo com sua necessidade.

Utilizamos nesse trabalho as memórias de contos populares, na qual muitas histórias foram registradas por escrito assim como tal foram contadas pelos entrevistados. Histórias contadas para os extensionistas quando crianças por uma pessoa da família ou outra pessoa idosa, nesse momento remetendo os mesmos para a fase da infância. E o resgate do uso das plantas medicinais, visto que, essa cultura popular não pode morrer, pois é muito sábia.

Pretendemos ao final que o leitor compreenda que não existe história sem memória e esta vai sendo construída e reconstruída através dos tempos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASCUDO, L.C. **Literatura oral no Brasil 3**. Ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1984.

<http://educacao.uol.com.br/disciplinas/portugues/literatura-oral-historias-atravesam-milenios.html>. Acesso 27/01/2015.

Revista Encontros de Vista. Quarta edição pg.24. Disponível em: www.cidadao.pr.gov.br/arquivos/File/parana/livro-lendas.pdf acesso em 30/01/2015.

DANIELLE, Marafon. **Apostila do módulo: Gestão e Processos de Educação da Infância**. 2014.

BRASIL. Constituição (1988). **“Constituição da República Federativa do Brasil”**: promulgada em 5 de outubro de 1988. Organização do texto: Juarez de Oliveira. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1990. (Série Legislação Brasileira).

MMM Motta. **Revista Cadernos do Ceom, 2014**. bell.unochapeco.edu.br acesso em 07/02/2015.

MOTTA, Menéndez Maria Márcia. **História e Memória**. página 182.

BORTOLIN, Sueli. **Mediação oral da literatura: A voz dos bibliotecários lendo ou narrando**. Marília 2010, página 58.